

OS EGRESSOS DO TRABALHO ANÁLOGO AO DE ESCRAVO E OS REFLEXOS DA PANDEMIA

KELLY PELLIZARI

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO (UFMT)

MÔNICA BARROS DE OLIVEIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO (UFMT)

PABLO FRIEDRICH DIAS PEREIRA DE OLIVEIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO (UFMT)

Agradecimento à órgão de fomento:

Agradecemos a Universidade Federal do Mato Grosso e ao Projeto Ação Integrada pelo apoio na pesquisa e compartilhamento de dados.

OS EGRESSOS DO TRABALHO ANÁLOGO AO DE ESCRAVO E OS REFLEXOS DA PANDEMIA

1 Introdução

O trabalho escravo contemporâneo está presente na sociedade brasileira e ainda se figura como uma dura realidade para muitos trabalhadores em diferentes setores econômicos e contexto urbano e rural. Essa mazela social vem sendo enfrentada há anos, pelo estado, por organizações sociais, por ativistas dos direitos humanos e pessoas sensíveis a causa, seja de modo conjunto ou isoladamente. Alguns avanços importantes no combate a este tipo de exploração podem ser visualizados em ações conjuntas dos atores sociais mencionados, porém há muito a se fazer nesta ceara já que políticas públicas de combate apenas, não se mostram suficientes e efetivas.

A pandemia de SARS-CoV-2 (covid-19), anunciada em março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde – OMS vem colocando desafios sem precedentes para todas as nações, e vem cobrando uma mudança de postura das pessoas, independentemente de onde quer que elas vivam, seja em grandes centros urbanos ou ainda, em lugares longínquos. Algumas destas alterações foram facilmente perceptíveis e até impostas via legislação, como o uso de máscaras e isolamento social para ajudar a conter a pandemia; outras mudanças são mais sutis, porém não menos exigidas, elas requerem uma alternância de pensamento, de postura, o que nem todos conseguem compreender facilmente. É fato, que a pandemia tem requerido resiliência da sociedade, porém, nem todos os grupos sociais conseguem responder a contento ou possuem condições equitativas de responder às demandas impostas por esta situação, cujas políticas públicas vêm mostrando ineficazes (SOUZA; SOUSA; REIS, 2020). Deste modo, o que se apresenta em países como o Brasil, são grupos minoritários padecendo com os efeitos da pandemia que perdura e parece longe de findar, colocando a cada dia novas pessoas a margem de uma sociedade, já anteriormente, fragilizada.

O objetivo deste artigo consiste em avaliar a situação de vulnerabilidade social dos egressos do trabalho análogo ao de escravo frente a pandemia de SARS-CoV-2 (covid-19), tomando-se por escopo o contexto mato-grossense, por ser um estado em que se vivencia essa realidade, por vezes invisível, mas que ao mesmo tempo contempla ações de vanguarda no combate ao trabalho escravo contemporâneo, a exemplo do Projeto Ação Integrada.

Diante deste contexto, que reitera a necessidade de um olhar mais humano para aqueles que já se encontravam em situação vulnerável ou suscetíveis há, este estudo se justifica, na medida em que a situação de vulnerabilidade social desta parcela da população, quase sempre negligenciada, traz indícios de agravamento com o perdurar da pandemia. No último ano, ainda que as buscativas e denúncias sobre o trabalho escravo contemporâneo não tenham ganhado destaque, houve resgates de pessoas em situação de extrema exploração laboral e expostas, para além da violação de direitos trabalhistas, ao vírus em condições ditas laborais, comprovando mais uma vez a inescrupulosidade dos exploradores (SAKAMOTO, 2021).

A estrutura deste trabalho apresenta uma seção introdutória, um breve contexto sobre o trabalho análogo ao de escravo e reflexões no âmbito nacional e mato-grossense a respeito desta temática, apresenta ainda nuances da vulnerabilidade social em suas novas faces intensificadas pela pandemia de Covid 19, uma seção de procedimentos metodológicos ora dotados seguida de uma análise dos dados coletados e finaliza-se com algumas considerações finais acerca do atual contexto pandêmico.

2. O trabalho análogo ao de escravo: breves reflexões do cenário nacional e local

De acordo com o artigo 149 do Código Penal brasileiro, são elementos que caracterizam o trabalho análogo ao de escravo: condições degradantes de trabalho (incompatíveis com a dignidade humana, caracterizadas pela violação de direitos fundamentais que coloquem em

risco a saúde e a vida do trabalhador), jornada exaustiva (em que o trabalhador é submetido a esforço excessivo ou sobrecarga de trabalho que acarreta danos à sua saúde ou risco de vida), trabalho forçado (manter a pessoa no serviço através de fraudes, isolamento geográfico, ameaças e violências físicas e psicológicas) e servidão por dívida (fazer o trabalhador contrair ilegalmente um débito e prendê-lo a ele). Esses elementos podem vir juntos ou isoladamente.

O termo trabalho análogo ao de escravo deriva do fato de que o trabalho escravo formal foi abolido pela Lei Áurea em 13 de maio de 1888. Até então, o Estado brasileiro tolerava a propriedade de uma pessoa por outra não mais reconhecida pela legislação, o que se tornou ilegal após essa data (REPÓRTER BRASIL).

Dos padrões coloniais até as características moderna o trabalho escravo contempla mudanças históricas, não apenas em termos conceituais e de temporalidade, mas sobretudo conjunturais, dada a evolução humana e social. O Brasil foi um dos últimos países a assumir a prática desta chaga social em seu território em pleno século XX, ainda que expressa em novas roupagens e nem por isso menos cruel (OLIVEIRA; ANJOS, 2019). Só mediante este reconhecimento que aconteceu em 1995 é que o Governo foi forçado a criar mecanismos de combate a essa prática odiosa do trabalho escravo contemporâneo.

Atualmente há diferentes ferramentas no combate à exploração da mão de obra análoga ao escravo que surgir a partir de uma parceria entre a Subsecretaria de Inspeção do Trabalho (SIT), órgão da Secretaria Especial de Previdência e Trabalho do Ministério da Economia, e a Organização Internacional do Trabalho (OIT), o Sistema Ipê e outro o Fluxo Nacional de Assistência às Vítimas do Trabalho Escravo, ambos representam um marco no enfrentamento ao trabalho escravo no país, o primeiro atualmente em uma plataforma on-line, contando com um sistema que recebe e sistematiza denúncias de trabalho análogo ao de escravo, que é crime no Brasil. Já o fluxo estabelece uma diretriz para a atuação dos que lidam com o combate à escravidão moderna.

Com base no Sistema do Fluxo Nacional de Assistência às Vítimas do Trabalho Escravo, o perfil social das pessoas resgatadas de escravidão contemporânea até o momento em 2021, dados do Seguro-Desemprego do trabalhador resgatado mostram que 89% são homens; 49% têm entre 18 e 39 anos; e 35% residem na região Nordeste. Quanto ao grau de instrução, 21% declararam só ter curso até o 5º ano, 20% haviam cursado do 6º ao 9º ano e outros 18% tinham ensino médio completo. Do total, 6% dos trabalhadores resgatados em 2021 são analfabetos.

As atividades econômicas onde mais houve exploração de mão-de-obra em condição análoga à de escravo em 2021, quanto ao número de resgatados, foram o cultivo de cana e fabricação de açúcar (67), a produção de carvão vegetal (51) e a criação de bovinos para corte (42). O quantitativo de vítimas de casos de trabalho escravo rural foi de aproximadamente 92% do total.

No estado de Mato Grosso existe um número expressivo de registros de trabalhadores em condições de trabalho análogo ao escravo, bem como está atualmente em 3º lugar no ranking de trabalhadores resgatados dessa situação análoga à escravidão no Brasil, tendo o estado de Minas Gerais como o primeiro do ranking seguido do estado de Goiás em segundo lugar (NAZARETH, 2021).

O banco de dados do SIT/Radar informa que de 2008 a 2021, foram resgatados pela equipe de fiscalização do ministério do trabalho em MT 1.489 (mil quatrocentos e oitenta e nove) trabalhadores (as) da condição análogo ao escravo, sendo de 918 (novecentos e dezoito), deles resgatados na zona rural, obtendo durante o decorrer dessas ações um resultado de 135 (cento e trinta e cinco) estabelecimentos fiscalizados onde foram garantidas de 1.106 (mil cento e seis) formalizações de registros de trabalho, bem como foram pagas mais de quatro milhões e oitocentos mil em verbas rescisórias, demonstrando assim que sua territorialidade e diversificação de culturas e cultivos, tem sido um atrativo para a exploração desse tipo de mão de obra, principalmente na zona rural, conforme expresso acima.

Não obstante a isso com o surgimento da pandemia de SARS-CoV-2 (covid-19) Corona Vírus, essa vulnerabilidade tende a aumentar, visto as orientações da Organização Mundial da

Saúde - OMS e as determinações sanitárias do Ministério da Saúde, referente ao isolamento social bem como paralização de alguns setores produtivos.

Já não restam dúvidas de que a pandemia impactará todos os setores da economia mundial (DJANIAN; FERREIRA, 2020). No entanto, a depender da forma como cada setor específico se posicionar nesse cenário e dos arranjos econômicos que vier a estabelecer, alguns fatores poderão se tornar concorrentes ou convergentes (MIGUEL; PELLICER, 2020). Dessa forma, pode-se afirmar que os principais setores do agronegócio brasileiro voltados para os mercados externos estão diante de um cenário aparentemente favorável.

Mato Grosso por ser um estado predominantemente agrícola em que muitos municípios são fortemente impactados pelo agronegócio a dinâmica da pandemia teve efeitos diversos a outros ramos de atividades. Estudos de analistas identificaram um aumento em todo Brasil no número de contratos (46,2 mil a mais que no ano anterior) e nos valores dos mesmos (R\$ 9,88 bilhões a mais). Isso indica que mesmo no incerto cenário de pandemia há expectativa dos agentes e otimismo dos agricultores, o que representa uma resposta que poderá refletir no aumento da produção para o próximo ano, mesmo em um contexto adverso (SCHNEIDER et al. 2020)

Não obstante o cenário de crise e retração da economia, quando se analisa isoladamente o desempenho da agricultura e do agronegócio do Brasil os dados mostram uma performance de crescimento, tanto no que se refere ao aumento da produção total quanto ao do PIB setorial (KRETER; SOUZA JR., 2020). Segundo um documento do Ministério da Economia (2020), “a crise econômica provocada pelo coronavírus teve pouco efeito nas exportações brasileiras por causa do desempenho do agronegócio”.

2.1 O Projeto Ação Integrada: uma boa prática em MT.

O Projeto Ação Integrada possibilita aos trabalhadores egressos do trabalho análogo ao escravo e aqueles que se encontram vulneráveis a essa exploração o acesso às políticas públicas existentes, tais como: educação, qualificação profissional, inserção no mundo do trabalho decente e promoção de acesso aos meios de vida dignos. Isso, realizado a partir da perspectiva do indivíduo e da identificação socioeconômica e profissional de cada trabalhador, onde diante da sua demanda a equipe do PAI busca as parcerias visando atender.

Quadro 01: Metodologia das principais ações do PAI.

<p>1° <u>Utilização do Banco de Dados do Seguro Desemprego dos Resgatados nas ações de fiscalização dos auditores fiscais do Ministério do Trabalho.</u></p>	<p>2° <u>Abordagem dos Trabalhadores</u> Estudo do Perfil Socioprofissional e Econômico dos trabalhadores egressos do trabalho análogo ao escravo e/ou vulneráveis a essa situação pela equipe técnica do PAI.</p>	<p>3° <u>Identificação de Programas, Projetos e Parcerias que atendam as demandas apresentadas pelos trabalhadores oportunizando o acesso ao mundo do trabalho digno.</u></p>	<p>4° <u>Cursos de Qualificação Profissional, Elevação Educacional e Reinscrição Sócio-profissional,</u> oriundo de planejamentos, organização, operacionalização e acompanhamento em loco.</p>
--	--	---	---

Fonte: Banco de dados PAI

O referido projeto é referenciado como modelo de boas práticas na erradicação do trabalho escravo contemporâneo pela Organização internacional do Trabalho – OIT e também pela Organização das Nações Unidas - ONU. Pioneiro mundialmente, o PAI parte da articulação entre entidades públicas, privadas e sociedade civil. Tem por objetivo a erradicação do trabalho análogo ao de escravo, por meio de oportunidades, qualificação profissional, elevação educacional dos trabalhadores resgatados do trabalho análogo ao de escravo e/ou em situação de vulnerabilidade a essa exploração, elevação de renda de trabalhadores e comunidades vulneráveis a essa situação no Estado de Mato Grosso (PAI, 2021).

A expertise demonstrada pelo PAI em Mato Grosso serviu de base para implementação de quatro novas iniciativas de enfrentamento do trabalho escravo contemporâneo, criadas entre

2013 e 2017. Três delas estaduais - abrangendo Bahia (Projeto Ação Integrada), Rio de Janeiro (Programa Ação Integrada - Resgatando a Cidadania) e Ceará (Projeto Ação Integrada), e uma regional - abrangendo Maranhão, Pará e Tocantins (Rede de Ação Integrada de Combate à Escravidão - RAICE), foram implementadas por diferentes instituições e todas dedicam-se ao atendimento de resgatados/as e vulneráveis ao trabalho escravo residentes nas áreas de abrangência de cada projeto.

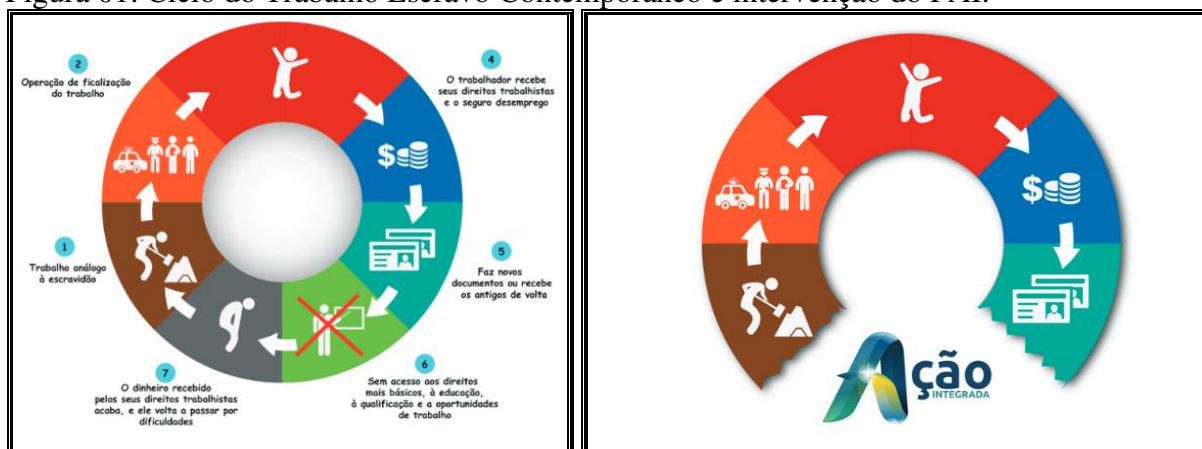
O PAI também tem como meta fortalecer as articulações de projetos que atendam especificidades dos trabalhadores resgatados e/ou do público vulnerável a essa situação, incluindo o desenvolvimento e promoção de ações em comunidades com este perfil.

O objetivo maior do PAI é impedir a reincidência dos trabalhadores em situações de degradância, e a entrada daqueles que se encontram vulneráveis social e economicamente ao ciclo perverso da escravidão, buscando eliminar alguns fatores que causam sua vulnerabilidade e resgatando a sua dignidade, a exemplo da exploração da servidão por dívida citada abaixo por Costa (2020):

Noções de honra e honestidade, por exemplo, podem impedir um/a trabalhador/a de deixar uma situação de trabalho a partir da dívida moral ou financeira que tenha contraído. A noção de que toda dívida deve ser paga - independente da mesma ser ilegal ou injusta - é um fator de aprisionamento, pois cria a obrigação de permanecer no trabalho. A dívida moral aliada ao endividamento financeiro ou à necessidade de retribuir algo pensado como dádiva - como a oferta de trabalho em um cenário marcado pela falta de opções - pode fazer um/a trabalhador/a retornar imediatamente após o resgate para a rede de aliciamento. Como atender a um/a trabalhador/a que se sente obrigado a saldar uma dívida?(COSTA, 2020, p. 14-15).

Esse fator pode ser vislumbrado no ciclo do Trabalho Escravo apresentado a seguir:

Figura 01: Ciclo do Trabalho Escravo Contemporâneo e intervenção do PAI.



Fonte: Banco de dados PAI

Como resultado imediato, os beneficiários do PAI têm resgatado a dignidade e autoestima dos participantes, por meio das oportunidades a eles oferecidas. Oferece condições e apoio para que os egressos e vulneráveis consigam retomar seus projetos de vida, interrompidos anteriormente, e/ou escrever sua nova história.

Nesses dez anos de existência, o PAI esteve presente replicando sua expertise em vários estados e por meio de sua equipe em mais de 80% dos municípios do estado de Mato Grosso, foram assinados mais de 100 (sem) Termos de Adesão ao PAI, firmadas inúmeras parcerias dentre elas com o Sistema S, Secretárias municipais e estadual do MT, empresas preocupadas com a responsabilidade social, ainda foram realizadas mais de 2740 (duas mil e setecentos e quarenta) abordagens aos egressos do trabalho análogo ao de escravo e/ou vulneráveis a essa situação. Destes números, foram capacitadas profissionalmente pelo projeto, mais de 940 (novecentos e quarenta) pessoas. Visitou mais de 25 (vinte e cinco) comunidades em que identificou uma maior incidência de casos de trabalho análogo ao de escravos e/ou vulneráveis

a essa situação, visando fortalecer e empoderar a comunidade através do resgate de sua identidade cultural.

Figura 02: Processo ilustrado de ações do PAI.



Fonte: Banco de dados PAI

3 Egressos do trabalho escravo contemporâneo: uma das faces da vulnerabilidade social diante da pandemia de Covid19

A vulnerabilidade social é um tema discutido amplamente em diversas áreas não apenas nas ciências sociais, mas sobretudo nessas áreas. Conceitos sobre a vulnerabilidade social não são consensuais dadas as diversidades de perspectivas que se inserem, no entanto, há elementos que coadunam entre diferentes vertentes epistemológicas. A vulnerabilidade social, não raro, se refere às carências sociais, econômicas, psicológicas, cognitivas ou ainda físicas que inserem determinados grupos ou pessoas em risco, limitando o bem-estar social ou garantias básicas para a sobrevivência, pautando-se em visões amplas sobre a temática como as de Teixeira (2006), de Inouye et al (2010), Santos (2015) e tantos outros.

Para Busso (2001) existem três principais fatores que podem definir a vulnerabilidade social; a fragilidade ou desproteção frente às mudanças; a debilidade interna para realizar mudanças necessárias que visem aproveitar os recursos disponíveis, além da insegurança que na busca de melhores condições de vida desse grupo de indivíduos.

Para além dos diferentes entendimentos sobre o conceito de vulnerabilidade social, esse retrato social apresenta a cada dia suas inúmeras faces, algumas parecem já eternizadas e outras emergem de determinados contextos e situações inesperadas, a exemplo do caos sindêmico¹ que se instaurou sobre o mundo e que perdura atualmente no Brasil. A pandemia de covid 19, em expansão há mais de um ano no país já ceifou a vida de mais de meio milhão de brasileiros de diferentes classes sociais e poder aquisitivo. O vírus parece não escolher a classe econômica, mas as chances de enfrentamento à essa batalha perpassam diretamente por essas questões.

A pandemia de Covid-19 trouxe atingiu a todos e evidenciou uma vez mais as desigualdades sociais que já imperavam no Brasil, agravando a situação já vulnerável daqueles que estavam à margem da sociedade, por não disporem de condições mínimas de sobrevivência, sobretudo em termos financeiros (PORTO, 2020, SOUZA; SOUSA; REIS, 2020). A vulnerabilidade social possui muitas faces e o perdurar da pandemia parece inserir neste contexto um número cada vez maior de pessoas, alguns já conhecidos a exemplo da população em situação de rua (PEREIRA 2020, HONORATO; OLIVEIRA, 2020), crianças em exploração laboral (CASSIONATO; KERN, 2020), idosos (MORAES, 2020, MOURA, 2021, SIMOES, 2021), imigrantes e refugiados (MORAIS; CHAI, 2020; PELLIZARI; ALVES, 2020, AGUIAR, 2020, CORREA, 2021), população de baixa renda (ESTRELA ET AL, 2021,

¹ Entende-se como sindemia; as dinâmicas capazes de gerar uma doença por meio da interação de elementos urbanos, econômicos, sociais, políticos, sanitários, epidemiológicos, biológicos, arquiteturais, religiosos, adotando-se uma sinergia que potencializa danos e impactos na sociedade e que podem ser afetados por todos os elementos que os interceptam em menor ou maior proporção, causando maiores ou menores danos sociais (CABELO; GHIRALDELLI, 2020).

MCKEE; STUCKLER, 2020; SMITH; JUDD, 2020), e outros que, devido a pandemia perderam seus empregos, renda e possibilidades de auto-sustento.

Os egressos do trabalho análogo ao de escravo são reconhecidamente uma parcela significativa das pessoas em situação de vulnerabilidade social nos países. Esse tipo de exploração além de fragilizar a pessoa, fere sua dignidade humana, bem precioso e de direito incontestável. Assim, ao se atentar contra essa garantia, cerceia-se os direitos de cidadão, colocando o indivíduo à parte da sociedade. Deste modo, tem-se o entendimento de que nem todo vulnerável social é também vulnerável ao trabalho análogo ao de escravo, porém, todo aquele vulnerável e esta situação, se insere no âmbito da vulnerabilidade social e carece de políticas públicas de amparo e proteção social. Neste sentido, os egressos do trabalho análogo ao de escravo também vem enfrentando diferentes desafios decorrentes da pandemia alguns apontados em estudos como os de Fagundes (2020), Figueira (2020), Silva (2020), Souza; Sousa; Reis (2020). "As desigualdades e heterogeneidades produzidas pelo capitalismo geram situações de vida e trabalho complexas que desafiam a disseminação de ações homogêneas para a superação de vulnerabilidades plurais" (COSTA, 2020, p. 16).

Diante do exposto e do perdurar da pandemia no Brasil muitas minorias sociais lutam diariamente para ter acesso a saúde, alimentação e moradia, itens básicos para a sobrevivência e que quando não escassos, requerem um esforço tamanho para serem adquiridos. Neste tocante, a proposta deste artigo ocupa-se em entender a situação de vulnerabilidade social como chave de leitura conceitual para que se consiga compreendê-la em meio aos egressos do trabalho análogo ao de escravo e ao contexto pandêmico.

4 Percorso metodológico

O percurso metodológico deste trabalho versa por uma perspectiva qualitativa, em que se propõe observar um fenômeno em um dado período pontuando-se o contexto em que o fato acontece. Nesta perspectiva vislumbra-se um olhar mais amplo sobre o fenômeno e busca-se compreendê-lo não de modo isolado, mas considerando-se o conjunto que o cerca (GODOY, 1995, GIL, 2008). Monteiro (2016) aponta esses elementos como uma das principais características deste tipo de abordagem.

A pesquisa qualitativa tem seu ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, conseqüentemente o contato direto e prolongado do pesquisador com a justificativa de que os fenômenos são muito influenciados pelo seu contexto, sendo tratados em seu ambiente natural. (MONTEIRO, 2016, p. 28).

Assim essa abordagem de pesquisa possibilita ao pesquisador não apenas inferir reflexões a respeito de um determinado assunto, mas sustenta a oportunidade do pesquisador se fazer presente e ser um instrumento da investigação. Para Haguette (2013) a pesquisa qualitativa "fornece uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social face à configuração das estruturas sociais" (p. 63). Neste sentido, se faz interessante compreender o fenômeno no local em que ele acontece considerando-se que nestes espaços é possível se observar as implicações em meio a vida dos sujeitos pesquisados.

A metodologia de uma pesquisa compreende um processo de ações que vai deste a perspectiva que se dá à investigação até as técnicas adotadas para se analisar ou tratar os dados (FLICK, 2009). Como todo processo, requer também este, critérios claros e objetivos no que se refere à abordagem, as técnicas empregadas na e durante a coleta de dados, além da especificação do ou dos métodos de análise e interpretação que serão utilizados (GIL, 2008).

Nesta lógica, a operacionalização deste trabalho foi possibilitada pela contribuição do Projeto Ação Integrada, ao compartilhar dados para o cruzamento de informações que possibilitaram o contato com os egressos do trabalho análogo ao escravo em Mato Grosso e compartilhamento de documentos que permitiram o levantamento de um breve perfil desses entrevistados. Como já se sabe, coletar dados diretos com esse público nem sempre é um processo fácil, considerando-se aspectos como: moradias em lugares longínquos, invisibilidade desta parcela da população frente a políticas públicas, singularidade do tema, por se tratar de

um assunto sensível ao indivíduo e aos exploradores do trabalho análogo ao de escravo, dentre outros.

Utilizou-se de métodos distintos de coleta de dados para esta pesquisa, inicialmente contou-se com uma pesquisa documental, importante instrumento para que se conseguisse compreender o fenômeno e analisar os achados a campo. Na visão de Kripka, Scheller, Bonotto (2015, p. 60):

[...]o uso da análise documental, que se refere à pesquisa documental, que utiliza, em sua essência: documentos que não sofreram tratamento analítico, ou seja, que não foram analisados ou sistematizados. O desafio a esta técnica de pesquisa é a capacidade que o pesquisador tem de selecionar, tratar e interpretar a informação, visando compreender a interação com sua fonte.

Ao se acreditar ser capaz de superar os desafios apontados pelos autores ora mencionados, se apropriando dos documentos e informações complementares ao campo investigado e atrelando-se as entrevistas realizadas, espera-se que as análises pretendidas por este instrumento possam contribuir no sentido de se ampliar o conhecimento sobre o tema e construir possibilidades de enfrentamento à perversa condição de exploração laboral a que muitos trabalhadores estão sujeitos. Em um segundo momento, foram realizadas entrevistas a campo. As entrevistas com os 28 egressos do trabalho análogo ao de escravo aconteceram de modo remoto, uma vez que os pesquisadores não estavam vacinados até o momento da coleta de dados e que o projeto que acolhe os entrevistados também se encontra com atividades remotas no período de pandemia. Deste modo, com o auxílio das redes sociais (para encontrar e contatar os egressos) e do banco de dados estruturado do Projeto Ação Integrada (para fornecer e cruzar informações dos participantes); entrevistou-se de modo individual 28 egressos do trabalho análogo ao de escravo majoritariamente vivendo em Mato Grosso, por meio de um roteiro semiestruturado de pesquisa (BAUER; GASKELL, 2017). As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, buscou-se manter a reprodução fiel das narrativas a fim de garantir os elementos da oralidade (BAUER; GASKELL, 2017).

O levantamento de dados junto aos participantes da pesquisa aconteceu entre janeiro e junho de 2021, quando buscou-se identificar junto aos egressos, respostas direcionada ao enfrentamento da pandemia por esta parcela da população. As indagações a esse respeito foram amplas no sentido de observar os relatos sobre as principais dificuldades encontradas pelo perdurar da pandemia no que tange a situação laboral, perda de renda e situação da saúde frente a pandemia. Vale salientar que todas as 28 entrevistas foram realizadas por uma assistente social do Projeto Ação Integrada - PAI que acompanha o projeto há anos e é reconhecida por muitos egressos do trabalho análogo ao de escravo e vulneráveis a esta situação em Mato Grosso. Essa empatia percebida nos discursos é bastante relevante para a pesquisa, uma vez que os entrevistados demonstraram estar à vontade durante as entrevistas e desse modo, o discurso acontece de modo mais natural e espontâneo, possibilitando a imersão de questões sensíveis aos envolvidos. Essas contribuições reiteram a visão de Monteiro (2016) no sentido de aproximar pesquisadores e pesquisados, esse processo enriquece as análises e traz à baila novos *insights* que ampliam a compreensão do fenômeno estudado, garantido uma maior legitimidade e confiabilidade à pesquisa qualitativa.

O método de análise dos dados utilizado, que ainda compõe o percurso metodológico, se baseou na análise de conteúdo nos moldes de Bardin (2011) não obrigatoriamente adotando-se todas as suas etapas, mas incorporando-a à didática adotada por Vergara (2012). Essa metodologia possibilita uma sistematização dos dados coletados de modo a dispô-los em quadros que agrupam os recortes das entrevistas por temáticas. As temáticas podem emergir dos próprios dados ou ainda serem induzidas por teorias já consolidadas na área pesquisada. Aderiu-se à uma perspectiva interpretativista para ampliar a análise de conteúdo, o que permite olhar também para o contexto em que se inserem determinadas narrativas.

De modo a facilitar a apresentação dos dados coletados para os recortes das entrevistas foram criados códigos EG001 até EG028 para identificar cada um dos participantes, eles também auxiliarão durante a análise dos dados, ao fornecerem uma imagem dos entrevistados.

5 Análise de Dados: Egressos do trabalho análogo ao de escravo no contexto da pandemia

Os egressos do trabalho escravo que foram abordados neste estudo foram qualificados pelo projeto Ação Integrada em diferentes cursos profissionalizantes, ao longo de anos de atuação do projeto em Mato Grosso. Essa experiência em trabalhar e qualificar esse público proporcionou a equipe, além de muito aprendizado, um olhar sensível à causa e as pessoas que enfrentam essa situação em algum momento de suas vidas. Com essa *expertise*, este estudo buscou identificar a situação de vulnerabilidade social desses egressos do trabalho análogo ao de escravo frente a pandemia de SARS-CoV-2 (covid-19).

Tratar de aspectos que margeiam a vulnerabilidade social nem sempre é tarefa fácil, primeiro porque não há um conceito fechado nesta ceara, de modo que, há diferentes entendimentos de quais são os elementos que inserem ou não uma pessoa na situação de vulnerabilidade social (Teixeira, 2006); segundo, porque falar de vulnerabilidade social traz à tona questões delicadas ao indivíduo já fragilizado em alguma dimensão humana. Acrescentar isso a situação de exploração a nível de trabalho análogo a escravidão mostra-se ainda mais complexo. Deste modo, a forma de abordar os participantes desta pesquisa também requer um cuidado extra, já que se admite a possibilidade de retomar questões dolorosas aos entrevistados. Dito isso, os instrumentos de coleta de dados precisaram ser complementares, uma vez que, nem sempre as respostas foram formatadas somente pelo entrevistado, mas sim, fazem sentido atrelando-se o contexto em que se inserem. Esse contexto é expresso neste estudo, por meio das observações realizadas pelos pesquisadores no momento das entrevistas e *expertise* na atuação direta com o público entrevistado.

Com a interlocução dos dados do PAI e dados coletados no momento das entrevistas pode-se construir um perfil sucinto dos entrevistados que estão dispostos no quadro a seguir:

Quadro 02 - Breve perfil dos Egressos do trabalho análogo ao de escravos atendidos pelo PAI que foram entrevistados.

Código	Idade	Sexo	Vive c/ Filhos Quantos	Situação laboral/ Formal ou Informal	Vínculo empregatício Direto ou Indireto com o Agronegócio	Local de residência
EG001	29	M	Sim/02	Empregado	Direto	Pontes e Lacerda -MT
EG002	42	M	Sim/04	Empregado	Direto	Poxoréu - MT
EG003	20	M	Não	Empregado	Indireto	Barra do Bugres - MT
EG004	40	M	Sim/01	Empregado	Indireto	Rosário Oeste - MT
EG005	33	M	Sim/02	Empregado	Direto	Rosário Oeste - MT
EG006	24	M	Não	Empregado	Direto	Tapurah - MT
EG007	38	M	Não	Desempregado	Não há	Rosário Oeste - MT
EG008	38	M	Sim/02	Empregado	Direto	Rosário Oeste - MT
EG009	54	M	Não	Desempregado	Não há	Poconé - MT
EG010	28	M	Sim/01	Empregado	Direto	Rosário Oeste - MT
EG011	48	M	Sim/02	Empregado	Direto	Santa Terezinha - MT
EG012	35	M	Não	Desempregado	Direto	Juína - MT
EG013	62	M	Não	Desempregado	Não há	São José do Xingu - MT
EG014	34	M	Sim/01	Empregado	Indireto	Arapiraca / AL
EG015	51	M	Sim/03	Empregado	Indireto	Pontes e Lacerda - MT
EG016	54	M	Não	Empregado	Direto	Tailândia/PA
EG017	52	M	Não	Desempregado	Não há	Tangará da Serra - MT
EG018	36	M	Não	Empregado	Indireto	Novo Horizonte do Norte - MT
EG019	47	M	Sim/01	Desempregado	Não há	Juara - MT
EG020	39	M	Não	Empregado	Direto	Lucas do Rio Verde - MT
EG021	32	M	Não	Autônomo Informal	Indireto	Nova Mutum - MT
EG022	32	M	Sim/01	Autônomo Informal	Indireto	Jauru - MT
EG023	25	M	Não	Empregado	Indireto	Lucas do Rio Verde - MT
EG024	34	M	Sim/01	Empregado	Direto	Vila Rica - MT

EG025	27	M	Sim/02	Autônomo Informal	Indireto	Nobres-MT
EG026	45	M	Não	Empregado	Direto	Lucas do Rio Verde - MT
EG027	41	F	Não	Desempregada	Não há	Barra do Bugres - MT
EG028	27	M	Não	Empregado	Direto	Tangará da Serra - MT

Fonte: elaborado com dados da pesquisa.

O quadro acima compila informações advinda do campo de pesquisa e informações adicionais do banco de dados do PAI. Esse breve perfil dos entrevistados permite que se façam algumas considerações oportunas para a avaliação que se pretende estabelecer. A grande maioria dos entrevistados tem entre 31 e 50 anos de idade, é predominantemente masculina, com exceção de uma das entrevistadas do sexo feminino. Esses dados corroboram também o perfil dos egressos do trabalho escravo contemporâneo a nível nacional, em faixa etária e gênero ao se comparar com os dados do Sistema de Fluxo Nacional de Assistência às Vítimas do Trabalho Escravo. 13 dos respondentes afirmaram ter ao menos 1 filho e dos 28 entrevistados apenas 2 estão residindo fora de Mato Grosso.

Outro importante elemento apontado no quadro acima é a situação laboral dos entrevistados, destes, 18 afirmaram estar empregados no momento das entrevistas (entre janeiro e junho de 2021), mesmo no período em que a pandemia perdura no Brasil e que os desempregos passaram a ser cada vez mais frequentes, contradizendo o cenário de desaquecimento do mercado laboral nacional. Uma das possíveis explicações, está expressa nas informações complementar também apresentadas no quadro 02, a atividade econômica que ancora estes empregos. Quase a metade dos entrevistados (13) trabalha em empregos diretamente ligados ao ramo do agronegócio, o que não é de se estranhar considerando que essa atividade é predominante no estado de Mato Grosso, conforme estudos de Schneider et al. (2020). Além destes, outros 9 entrevistados estão empregados em empregos indiretos, mas ainda assim, ligados de algum modo a esta atividade. Vale salientar que, Mato Grosso possui 22 dos municípios dos 50 que apresentam maior valor da produção agrícola no país. Neste sentido, mesmo considerando-se a especificidade das vagas laborais ofertadas pelo agronegócio, a cadeia produtiva fortalecida acaba por incorporar outros tipos de mão de obra, e os resultados podem ser vistos em uma ampliação do número geral de oportunidades de trabalho (SOUZA, 2020).

Com essa análise preliminar em mãos, somando-se os demais dados da pesquisa, buscou-se seguir a metodologia proposta por Vergara (2012), compilando-se os recortes das entrevistas e submetendo-os à disposição de quadro temáticos na medida em que a recorrência dos discursos indicavam para determinado tema ou assunto.

Conforme já mencionado, a pandemia proclamada em Março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde, veio evidenciar ainda mais situações sociais já complexas, colocando novos desafios às questões sociais antigas, o que significa em linhas gerais, maior dificuldade de sobrevivência para muitas pessoas (PORTO, 2020, SOUZA; SOUSA; REIS, 2020). Essa dificuldade em adquirir itens básicos para a sobrevivência, tratada pelos pesquisadores como segurança alimentar não atormenta apenas um ou outro grupo social, ou aqueles já marginalizados socialmente anteriormente a pandemia, mas inseriu novos atores sociais neste contexto de fragilidade social, a exemplo tem-se o aumento do desemprego no último ano no Brasil, que chegou a 14,7% no primeiro trimestre de 2021 (IBGE, 2021) e que, parece não ter tantos efeitos em alguns ramos de atividade conforme Souza (2020), Djanian; Ferreira (2020) e Schneider et al (2020).

Como um dos elementos que tangenciam a vulnerabilidade social está atrelado a ocupação dos indivíduos, um dos elementos pontuados nas entrevistas quando se menciona o contexto pandêmico é justamente a situação laboral dos egressos do trabalho análogo ao de escravo. Esse elemento foi um dos mais recorrentes nas entrevistas dos participantes conforme pode-se observar no quadro 03 abaixo:

Quadro 03 – Emprego dos egressos do trabalho análogo ao de escravo entrevistados

Código	Recortes	Trecho de fala da entrevista
EG001	001	Eu me especifiquei mais em tratorista, e agora na região que eu to mexendo[trabalhando] com sojas e ai desde quando eu fiz o curso eu trabalho mais com plantação e ai a fazenda eu entrei a poucos dias agora na área de tratação de boi, tratar do gado né confinamento
EG002	002	Eu to[trabalhando], tem 1 ano já. É formalizado. Estou como operador de máquinas, sim tem relação. 1.700 na carteira, mas eu tenho hora extra eu tenho uma meta pra cumprir...
EG003	003	Sim, acho que tem 4 meses. Mais ou menos, diária, eu trabalhava lá antes de ir pro curso. Hoje dia de semana eu sou vendedor, final de semana eu vou pra fazenda e sou tratorista. Sim, sim nos finais de semana[trabalho].
EG004	004	Sim eu era operador de máquinas agora eu sou motorista. Fiquei três anos como operador de máquinas e depois passei para motorista.
EG005	005	Operador de Máquinas, secador também. Sim no caso a pá carregadeira agora secador não, o secador é que nem nós trabalhamos na Coffe, o secador é a mesma coisa, só que a aqui é tudo certinho tudo legalizado né.
EG014	006	Sim estou sim graças a DEUS. Estou a 1 ano Representante Comercial. E não tem relação com o curso que eu fiz.
EG020	007	Tratorista jogando adubo, sim tem, depois que eu fiz o curso [PAI] aí eu só trabalho com trator com máquinas.
EG022	008	Confecção, não tem relação nenhuma com o curso...
EG023	009	Estou [trabalhando]como Classificador, vou iniciar agora no caso nessa safra que vai começar, fiquei 1 ano como frentista e agora vou retornar pro ramo de classificador.
EG028	010	No momento eu to[trabalhando] como serviços gerais, a vaga de operador já estava completa. Ainda não tem a ver com o curso que eu fiz

Fonte: elaborado com dados da pesquisa.

Pode-se observar que as funções descritas pelos entrevistados estão em sua maioria ligadas ao agronegócio (trato de animais, operador de máquinas, motorista, tratorista, classificador de grãos, dentre outras). Uma das características dos empregos ligados a essa atividade é a sazonalidade considerando-se o período entre safras. Assim é comum observar-se que os trabalhadores atuem em diferentes locais ou postos de trabalho diversos (EG003).

A especificidade da mão de obra demandada pelo agronegócio também é uma característica importante deste setor, que a cada dia requer um profissional mais gabaritado para ocupar as vagas. As capacidades que são exigidas para um operador de máquinas agrícolas são permeadas por tecnologia de ponta direcionada ao campo, desmistificando-se a ideia de que os trabalhadores deste setor são profissionais de baixo nível educacional (PAI, 2021). Alguns dos cursos oferecidos pelo PAI contemplam essas especificidades e preparam os profissionais para ocupar estes postos qualificados de trabalho conforme pode ser observado no recorte 07 do entrevistado.

Outro elemento que deve ser considerado, haja vista, em uma conjuntura capitalista a renda é o que garante acesso ao meio básico de subsistência. Assim este artifício se configura como um elemento a ser analisado do ponto de vista da vulnerabilidade social (INOUE et al, 2010; SANTOS (2015). Ao se analisar as entrevistas e questionando-se os entrevistados sobre as dificuldades durante a pandemia, não há como não mencionar os níveis de rentabilidade ou a ampliação ou retração da renda destas famílias. Embora tratar de valores é desconfortável para os entrevistadores e muitas vezes inibe o entrevistado. No discurso livre proporcionado pelo momento da entrevista, pode-se auferir algumas interpretações que possibilitam uma avaliação sobre a renda dessas pessoas.

No Quadro 03 a seguir contemplam recortes das entrevistas em que os egressos apontam a variação de renda familiar neste período de pandemia.

Quadro 04 – Renda dos egressos do trabalho análogo ao de escravo entrevistados

Código	Recortes	Trecho de fala da entrevista
EG001	011	2 salários na carteira. Estou morando no alojamento da fazenda e o dinheiro encaminho para a esposa
EG002	012	1.700 na carteira, mas eu tenho hora extra eu tenho uma meta pra cumprir.
EG015	013	Hoje é em torno de 1.600, 1.800. Mora eu, esposa e três filhos. Dois filhos trabalham. Juntando a renda dá em torno de uns 4.500.
EG023	014	Como frentista recebia 1.800 e como classificador chega até 2 mil porque ganha comissão. No momento estou morando com a minha mãe ela trabalha. A nossa renda da na média de uns 3 mil se juntar.

EG024	015	Assim nós ganha uma salário e ganha no final do ano uma comissão. É R\$ 2.500 mas a comissão [renda variável] no final do ano
EG026	016	Vareia de 3.000, 3.500, 4.000 e 4.500 que é produção quanto mais produzir melhor. Moro sozinho aqui em Lucas, mas minhas filhas moram em São Luís.
EG028	017	Assim na minha carteira tá combinado de 1.305, mas como é meu primeiro pagamento eu não sei te dizer se eu vou pegar [receber]mais.

Fonte: elaborado com dados da pesquisa.

Observa-se nos recortes que a renda familiar contempla os salários de mais de uma pessoa por família. Em muitos casos o salário da esposa e filhos é somado para compor a renda familiar. É comum nos empregos do agronegócio a contratação do casal, em muitos casos, o empregador contrata a esposa de alguns de seus empregados para outras atividades da fazenda. Por muito tempo, dado o viés patriarcal nas famílias e seguido por infratores das leis trabalhistas, a remuneração da esposa era negligenciada por parte dos empregadores, fato que culminou em denúncias de exploração laboral (COSTA, 2020).

Outro aspecto bastante presente nas entrevistas é o rendimento variável recebidos pelos trabalhadores (comissão mencionadas nos recortes acima). Nas atividades agrícolas é comum esse rendimento variável ser pago ao trabalhador no final de cada ciclo/safra, e baseia-se na produtividade da lavoura ou monocultura, por esta razão, esse rendimento não é facilmente preciso pelo trabalhador conforme expressam os recortes 012, 015 e 017. Vale salientar que, esse tipo de remuneração é permitida pela consolidação das leis do trabalho - CLT e praticado tanto em empregos formais e informais na região.

Como já mencionado na análise do Quadro 02 os egressos do trabalho análogo ao de escravo que passaram por qualificação do PAI e que foram entrevistados neste estudo estão em grande maioria empregados no setor do agronegócio seja em empregos formais ou informais. As funções exercidas por estes trabalhadores são variadas, desde serviços gerais, com destaque a operador de máquinas agrícolas e classificador de grãos, até funções diretamente ligadas a agricultura, sobretudo na monocultura da soja, *commodity* produzida em grande escala em vários municípios mato-grossenses.

Pode-se constatar que nos quadros já apresentados até o momento, no que se refere a emprego e renda os egressos do trabalho análogo ao de escravo entrevistados, ancorados pelo fortalecimento da cadeia produtiva de agronegócio não sofreram impactos significativos nestes 2 quesitos; o que não significa que a pandemia não tenha imposto dificuldades para todo esse grupo, a considerar os 7 egressos entrevistados que permanecem desempregados e sem perspectivas de conseguir emprego por conta da pandemia.

A pandemia impôs vários desafios a sociedade, embora não tenha atingidos a todos do mesmo modo, fez com que as organizações alterassem suas dinâmicas diárias o que impactou o cotidiano das pessoas em proporções não visualizadas nas últimas décadas. Neste sentido, os assistidos pelo PAI e aqui entrevistados estão enfrentando a pandemia e os desafios que ela tem imposto aqueles mais vulneráveis socialmente. O Quadro 05 contém os recortes das entrevistas que podem ilustrar alguns desses desafios e necessidades que a pandemia tem colocado aos egressos do trabalho análogo ao de escravo em Mato Grosso.

Quadro 05 – Saúde e enfrentamento da pandemia pelos egressos do trabalho análogo ao de escravo entrevistados.

Código	Recortes	Trecho de fala da entrevista
EG001	018	Não pra mim não interferiu em nada se entendeu que eu quase não frequento a cidade o meu negócio é mais roça mesmo.
EG003	019	Interferiu assim porque começou a ficar mais difícil emprego foi reduzindo as coisas foi aumentando tudo. E aí gera aquele problema tanto financeiro quanto particular.
EG008	020	Afetou muito né porque, a gente podia estar numa firma e a firma não pode segurar tantas pessoas daí tem que estar diminuindo né, manda embora e a gente fica meio com medo né de arrumar emprego porque tá difícil as firmas nenhum quer contratar bastante gente assim porque, mas graças a DEUS eu to trabalhando.
EG010	021	A pandemia com essa doença aí, afetou bastante em várias áreas não só a mim mas várias pessoas né, a gente vai no mercado, no banco, todo lugar que a gente vai né tem que cuidar bastante, ficou tudo mais cuidadoso, não só numa área.

EG011	022	Dona Mônica o que a pandemia afetou a minha vida graças a DEUS que na minha família ninguém adoeceu graças a Jesus cristo mas o que ela afetou minha vida, da minha família é a liberdade que a gente não tem mais, a gente não pode ir mas na casa de um vizinho, não pode receber mais uma pessoa em casa se entendeu e a gente gostava de se chegasse alguém aqui, sentar, toma um café, pegar na mão, dar um abraço, ir na casa do vizinho conversar um pouco, se o vizinho tinha alguma coisa pra gente, hoje em dia se o vizinho da uma coisa se nem pega mais, porque se fica com medo. Se a senhora visse eu e mais meus meninos dona Mônica eu fico triste com isso, cabo né dona Mônica, cabo. Depois que começou essa doença, meus meninos sofrem de asma, nunca mais eu saí de casa, até o cara vem corta o cabelo deles aqui, porque eu não quero que os meninos saem na rua por causa da doença que eles tem né falta de ar.
EG012	023	Eu vou te dizer uma coisa, a gente ficou mais preso por causa que eu peguei esse trem aí de aripuãna pra cá né. Peguei não né, ela me pegou, como minha mãe tem problema de saúde meu padrasto também tem eu fiquei uns 3,4 meses sem vir aqui na casa deles. Ai agora que eu apareci, agora que eu estou aqui de novo, daí eu não fiz tratamento, tratei só no goro mesmo.
EG013	024	Ah com certeza a pandemia afetou a vida de quase todo mundo, pelo menos em questão de serviço que aqui tinha esses serviços de fazenda e hoje não tem mais né. La o garimpo é porque lá trabalha grandestinação assim de qualquer maneira, então no meio da mata lá é uma área indígena la num tem, talvez a pandemia não afetou la , mas aqui na fazenda atingiu com certeza.
EG015	025	Não graças a DEUS não, aqui não afetou assim chegar atingir trazer sofrimento essas coisas não mas eu tive a COVID só que na época que eu tive ele nem fiquei sabendo. Ai quando eu fui fazer o exame pra fichar agora na firma que eu to ai constatou lá. Graças a DEUS eu não convivi nem com o medo dele. A pessoa começa a pensar uma coisa e outra.
EG016	026	Ela prejudicou não só eu né como todos os brasileiros, tem muita gente que trabalha autônomo que trabalha por conta própria esse tipo de pessoa foi muito agravada por causa dessa doença ainda hoje ta agravada né porque não acabou ainda, e quem tem que ter os cuidados é nós mesmos, é nos que tempos que prevenir pra não pegar ela.
EG020	027	Oww pra mim não afetou nada né agora minha família afetou meu cunhado tava trabalhando foi mandado embora ai fica mais difícil né e eu continuei trabalhando né. O ruim que a gente não pode sair ne Mônica, tem que ficar preso dentro de casa se sair tomar as medidas de cuidado e é isso. Sim é isso que afetou, o resto foi ótimo, foi bom.
EG028	028	Assim eu acho que da minha família não afetou muita coisa porque só dessa pandemia eu peguei mais graças a DEUS eu sarei não teve nada demais, e ta todo mundo com saúde e disposição para trabalhar. Então não afetou nada graças a DEUS.

Fonte: elaborado com dados da pesquisa.

Pode-se observar nos recortes acima que uma das principais questões levantadas pelos entrevistados é a perda por postos de trabalho que é um dos elementos recorrentes nos relatos, a pandemia provocou fechamento de milhões de postos de trabalho gerando uma alta taxa de desemprego no Brasil e no mundo. A insegurança e a precarização estão presentes nos relatos dos trabalhadores como se observa: “Interferiu assim [Pandemia] porque começou a ficar mais difícil emprego foi reduzindo as coisas foi aumentando tudo. E ai gera aquele problema tanto financeiro quanto particular (EG003)”, assunto também reiterado pelos entrevistados (EG008), (EG013), (EG016) e (EG020).

A pandemia trouxe uma nova realidade e uma serie de novas medidas de segurança no mundo como mascarar, álcool em gel, o lavar as mãos com frequência e o distanciamento social. Essa ausência do contato com as pessoas é um fator impactante, assim como as outras medidas de segurança e que podemos observar no relato abaixo:

Dona Mônica o que a pandemia afetou a minha vida graças a DEUS que na minha família ninguém adoeceu graças a Jesus cristo mas o que ela afetou minha vida, da minha família é a liberdade que a gente não tem mais, a gente não pode ir mas na casa de um vizinho, não pode receber mais uma pessoa em casa se entendeu e a gente gostava de se chegasse alguém aqui, sentar, toma um café, pegar na mão, dar um abraço, ir na casa do vizinho conversar um pouco, se o vizinho tinha alguma coisa pra gente, hoje em dia se o vizinho da uma coisa se nem pega mais, porque se fica com medo. Se a senhora visse eu e mais meus meninos dona Mônica eu fico triste com isso, cabo né dona Mônica, cabo. Depois que começou essa doença, meus meninos sofrem de asma, nunca mais eu saí de casa, até o cara vem tora o cabelo deles aqui, porque eu não quero que os meninos saem na rua por causa da doença que eles tem né falta de ar. (EG011)

Nesse mesmo sentido os recortes (EG010) e (EG020) reforça essas novas medidas que alteraram o cotidiano social. O Coronavírus, SARS-CoV-2 (covid-19), afetou uma grande

quantidade de pessoas e impôs novos hábitos sociais a população. O vírus trouxe a doença em si, mas consequentemente muitas incertezas, medo como podemos observar abaixo:

Eu vou te dizer uma coisa, a gente ficou mais preso por causa que eu peguei esse trem aí de aripuãna pra cá né. Peguei não né, ela me pegou, como minha mãe tem problema de saúde meu padrasto também tem eu fiquei uns 3,4 meses sem vir aqui na casa deles. Ai agora que eu apareci, agora que eu estou aqui de novo, daí eu não fiz tratamento, tratei só no goro mesmo. (EG012).

Não graças a DEUS não, aqui não afetou assim chegar atingir trazer sofrimento essas coisas não, mas eu tive a COVID só que na época que eu tive eu nem fiquei sabendo. Ai quando eu fui fazer o exame pra fichar agora na firma que eu to ai constatou lá. Graças a DEUS eu não convivi nem com o medo dele. A pessoa começa a pensar uma coisa e outra. (EG015).

Assim eu acho que da minha família não afetou muita coisa porque só dessa pandemia eu peguei mais graças a DEUS eu sarei não teve nada demais, e ta todo mundo com saúde e disposição para trabalhar. Então não afetou nada graças a DEUS(EG028).

Ao observar os recortes (EG020) nota-se que as percepções são diversas em relação ao enfrentamento da pandemia, a exemplo daqueles que moram em regiões afastadas de grandes centros e que não foram muito afetados (EG001), em contrapartida os trabalhadores autônomos que sentiram mais os efeitos da pandemia (EG016).

6 Considerações Finais

Ao final desta pesquisa que buscou avaliar a situação de vulnerabilidade social dos egressos do trabalho análogo ao de escravo atendidos pelo Projeto Ação Integrada diante da pandemia de SARS-CoV-2 (covid-19), analisando-se o contexto mato-grossense, local em que residem os egressos participantes e cenário que ainda vivencia essa mazela social, pode-se compreender algumas das razões que inserem essas pessoas na situação de vulnerabilidade social, ainda que o aquecimento do mercado laboral no estado, ancorado pelo agronegócio, indique perspectivas positivas mesmo em tempos de pandemia.

Observa-se que a renda familiar dos participantes da pesquisa é composta pelos salários de mais de uma pessoa por família e que a renda destes trabalhadores é complementada pelo rendimento variável, prática muito comum no setor, paga ao final de cada ciclo produtivo e que tem por referência para pagamento a produtividade da lavoura, deste modo, fica difícil ao trabalhador precisar qual sua renda mensal.

Pode-se constatar que os egressos do trabalho análogo ao de escravo que realizaram as qualificações junto ao PAI e que compuseram o corpus desta pesquisa estão em grande maioria empregados de modo direto no setor do agronegócio de Mato Grosso, seja em empregos formais ou informais. Constatou-se que esses trabalhadores ocupam vagas variadas e dentre as funções mais exercidas destacam-se as de serviços gerais, operador de máquinas agrícolas, classificador de grãos, e outras diretamente ligadas a agricultura, sobretudo na monocultura da soja e do milho, *commodities* mais comuns produzidas no referido estado.

Ainda que os empregos e renda dos trabalhadores egressos do trabalho análogos ao de escravo entrevistados não tenham sofrido impactos significativos com a pandemia de SARS-CoV-2 (covid-19), ela representa para alguns destes trabalhadores um dificultador a mais, no processo de inserção laboral e reconstrução de sua história. Os registros de adoecimento e perdas de oportunidades de trabalho, no último ano, foram mencionados em algumas das 28 entrevistas e reiteram a necessidade de um olhar social para estas questões.

Dentre as limitações deste estudo pontua-se aquelas inerentes à complexidade do fenômeno observado, do público restrito e do recorte geográfico necessário, além das limitações proporcionadas pela pandemia que impactaram na coleta de dados; no entanto, acredita-se que a análise aqui construída figura-se como uma das possibilidades iniciais (ainda que tímida) para se ampliar o horizonte de pesquisa que tratem das questões sociais aqui levantadas, seja pela perspectiva da administração ou de outras áreas das ciências social aplicadas.

Referências

- AGUIAR, Felipe Silva. MIGRAÇÃO E TRABALHO ESCRAVO EM TEMPOS DE COVID. **Migrações Internacionais e a Pandemia da Covid-19**, p. 521, 2020.
- BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. São Paulo: Ed. **Revista e Ampliada**, 2011.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Editora Vozes Limitada, 2017.
- CABELO, Mariangela; GHIRALDELLI JR., Paulo (Org.). Pandemia e Pandemônio: Ensaio sobre biopolítica no Brasil. São Paulo: CEFA Editorial, 2020.
- CASSIONATO, Andrea Silva Albas; KERN, Meline Tainah. O aumento do trabalho infantil no cenário pós-pandemia. **Revista da Jornada de Pós-Graduação e Pesquisa-Congrega Urcamp**, v. 16, p. 233-238, 2020.
- CORREA, Laise Lisboa et al. Vulnerabilidade na pandemia. **TRAVESSIA - revista do migrante**, n. 90, p. 121-136, 2021.
- COSTA, Patrícia Trindade Maranhão, **Por um modelo nacional de prevenção do trabalho escravo? Desafios e conflitos na nacionalização do Projeto Ação Integrada**, 2020.
- ESTRELA, Fernanda Matheus et al. Pandemia da Covid 19: refletindo as vulnerabilidades a luz do gênero, raça e classe. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 3431-3436, 2020.
- FAGUNDES, Mauricio. Trabalho Escravo e Pandemia: os desafios da Inspeção do Trabalho na promoção do trabalho digno. **Laborare**, v. 3, n. 5, p. 87-105, 2020.
- FIGUEIRA, Ricardo Rezende. Trabalho escravo em tempos de pandemia. **DIREITOS HUMANOS NO BRASIL**, 2020, p. 107.
- FLICK, Uwe. Desenho da pesquisa qualitativa. In: **Desenho da pesquisa qualitativa**. 2009. p. 164-164.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.
- GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias qualitativas na sociologia. In: **Metodologias qualitativas na sociologia**. 2013. p. 223 p-223.
- INOUYE, Keika et al. Percepções de suporte familiar e qualidade de vida entre idosos segundo a vulnerabilidade social. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 23, p. 582-592, 2010.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS (IBGE, 2018). 10 ago. 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>. Acesso em; 19 jul 21.
- JUNIOR, José Ronaldo de C. Souza; KRETER, Ana Cecília. Revisão da previsão de crescimento do PIB agropecuário brasileiro em 2020-atualização de abril.
- KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa de Lara. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. **Revista de investigaciones UNAD**, v. 14, n. 2, p. 55-73, 2015.
- MCKEE, Martin; STUCKLER, David. If the world fails to protect the economy, COVID-19 will damage health not just now but also in the future. **Nature Medicine**, v. 26, n. 5, p. 640-642, 2020.

- MONTEIRO, R. C. Pesquisa qualitativa como opção metodológica. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 2, n. 2, p. 27 – 35, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644453>. Acesso em: 8 jul 2021.
- MORAES, Claudia Leite de et al. Violência contra idosos durante a pandemia de Covid-19 no Brasil: contribuições para seu enfrentamento. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 4177-4184, 2020.
- MORAES, Vitor Hugo Souza; CHAI, Cássius Guimarães. PANDEMIA E TRABALHO ESCRAVO CONTEMPORÂNEO: repensando a reinserção do trabalhador resgatado a partir de uma política emancipatória. **Revista de Direito Sociais e Políticas Públicas**, 2020.
- MARCELINO, Jose Antonio; DE OLIVEIRA SVERZUTI, Aline Rafaela; DA SILVA TRIZOLIO, Bruna Letícia Gomes. Agronegócio brasileiro e o comportamento do setor em meio às crises econômicas e os impactos sofridos pela pandemia da covid-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 3, n. 9, p. 127-138, 2020.
- MOURA, Maria Lucia Seidl de. Idosos na pandemia, vulnerabilidade e resiliência. 2021.
- NAZARETH, Lucione. Mato Grosso está em 3ª lugar no ranking de trabalhadores resgatados em situação igual à escravidão. Disponível em: (<HTTPS://www.vgnoticias.com.br/cidades/em-2021-31-pessoas-sao-resgatadas-em-situacao-de-trabalho-escravo-em-mt/77983>). Acesso em: 10 jul 21
- PEREIRA, Maria Odete. População em situação de rua: maior vulnerabilidade e invisibilidade durante a pandemia de covid-19, 2020.
- OLIVEIRA, Joyara Maria Silva; ANJOS, Hildete Pereira dos. Trabalho escravo contemporâneo: a disputa ideológica na produção de um conceito. In: **Escravidão: moinho de gentes no século XXI**. Orgs. Ricardo Rezende Figueiredo, Adonia Antunes Prado, Edna Maria Galvão. Rio de Janeiro: Mauad, 2019.
- PROJETO AÇÃO INTEGRADA- PAI. Siex Sistema de extensão da Universidade Federal de Mato Grosso. Disponível em: <https://sistemas.ufmt.br/ufmt.sieux/Projeto/Detalhes?projetoUID=2267>. Acesso em: 12 ago 2020.
- PORTO, Marcelo Firpo. No meio da crise civilizatória tem uma pandemia: desvelando vulnerabilidades e potencialidades emancipatórias. **Vigilância Sanitária em Debate: Sociedade, Ciência & Tecnologia**, v. 8, n. 3, p. 2-10, 2020.
- RADAR SIT. Painel de Informações e Estatísticas da Inspeção do Trabalho no Brasil, disponível em: <https://sit.trabalho.gov.br/radar/>. Cons. 27 ago 2020.
- SAKAMOTO, Leonardo. Trabalhador com covid e fome é resgatado da escravidão no plantio de cana. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2021/04/14/trabalhador-com-covid-e-fome-e-resgatado-da-escravidao-no-plantio-de-cana.htm>. Acesso em 14. Abr. 2021.
- SILVA, Marcelo. Trabalho Escravo Contemporâneo e a Pandemia SARS-COV-2: Reflexões sobre o Biopoder, a Biopolítica e a Necropolítica. **Cadernos de Direito Actual**, n. 14, p. 256-276, 2020.
- SIMÕES, Ângela. Da vulnerabilidade à invisibilidade: os idosos institucionalizados durante a pandemia covid 19. **HIGEIA-Revista Científica da Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias**, p. 45-56, 2021.
- SMITH, James A.; JUDD, Jenni. COVID-19: vulnerability and the power of privilege in a pandemic. **Health Promotion Journal of Australia**, v. 31, n. 2, p. 158, 2020.
- SOUZA, Raimunda Aurea Dias. A EXPANSÃO DO AGRONEGÓCIO EM TEMPOS DE PANDEMIA-COVID-19. **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, v. 22, n. 2, p. 90-102, 2020.

SOUZA, Raimunda Aurea Dias; SOUSA, Ronilson Barbosa; REIS, Leandro Cavalcanti. O trabalho e a classe trabalhadora em tempos de pandemia da covid-19. **PEGADA-A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 21, n. 3, p. 195-214, 2020.

SCHNEIDER, Sergio et al. Os efeitos da pandemia da Covid-19 sobre o agronegócio e a alimentação. **Estudos Avançados**, v. 34, p. 167-188, 2020.

TEIXEIRA, Ilka Niceia D. et al. **Definições de fragilidade em idosos: uma abordagem multiprofissional**. 2006.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de pesquisa em administração**. Atlas, 2012.